

Yuri Sugata

Pilares

Pilares

Coletânea de Contos

Por

Yuri Sugata

Yuri Sugata

Sumário

A Gárgula e o Homem da Última Geração.....	7
O Último Lobo-guará.....	21
Escuro.....	33
Sara.....	41
O Labirinto.....	69

Yuri Sugata

A Gárgula e o Homem da Última Geração

Há anos que minhas viagens mundo afora não me levavam a minha cidade natal. Indiscutíveis eram as mudanças arquitetônicas e principalmente na moda cotidiana. As ruas fervilhavam com novidades como nunca, mas ainda assim, como um aroma característico, Veneza permanecia a mesma.

O motivo de minha visita atual era o mesmo que me levava aos vários cantos do mundo nos últimos anos: obras de arte. Convidado por um jovem escultor em ascensão chamado Fabriccio Gomi. Eu já havia negociado algumas obras de Fabriccio alguns anos atrás e me apaixonara por elas. Sua última carta me convidava para visitar seu ateliê para avaliar sua nova criação. Segundo ele, eu iria presenciar uma obra divisora de águas, algo que faria Il Paraiso parecer um simples rascunho.

Por conhecer o talento de Fabriccio e pela ousadia em suas palavras, embarquei no primeiro navio para Veneza extasiado.

Mal havia me acomodado na cidade e já estava a caminho do encontro com o jovem escultor. Seu ateliê se encontrava fora da cidade, numa pequena vila. A cidade estava abarrotada de visitantes. Carroças e mais carroças chegavam de todas as estradas disputando espaço com a multidão que seguia em direção ao teatro Santi Giovanni e Paolo. Segundo o cocheiro, naquela noite seria encenada *L'Orfeo*, de Monteverdi, a qual já havia visto em sua estreia em Mântua. Brilhante e intensa, como toda ópera deve ser. Apesar de ser um amante de tragédias, estava ansioso para por os olhos na misteriosa obra de meu amigo escultor.

Por quase uma hora nada quebrou a monotonia dos cascos dos cavalos na estrada. O sol começava a se pôr quando o cocheiro parou diante dos portões de uma imponente mansão. O jardim de entrada estava mal cuidado, mas a distribuição dos canteiros e a determinação por viver das poucas flores restantes não me deixavam duvidar de que aquele lugar fora magnífico em seu apogeu.

A carroça já havia partido quando me libertei do transe contemplativo. O pôr do sol pintava a mansão com uma paleta escarlate que conferia à cena um cenário de ruína e abandono. O portão estava aberto e, sem cerimônias, segui pela pavimentada entrada que alcançava a escada de entrada da mansão.

Uma pequena fonte me fez parar por alguns segundos, novamente. Já não havia mais água jorrando e seus querubins estavam desgastados e encardidos; mas, apesar do

estado em que se encontravam, suas faces estavam preservadas e ainda mantinham expressões felizes e infantis. Contradizendo toda decadência ao seu redor, continuavam a se alegrar com a música silenciosa de suas harpas.

Porque penso nessas coisas?, me perguntei.

Tudo no local me intrigava e me distraía. Aquelas quase ruínas continham uma energia quase palpável; era algo que me envolvia a cada passo. Era como se tudo estivesse doente, mas que a qualquer momento pudesse recuperar toda a vida. Sentia-me diante do túmulo de Lázaro apenas a esperar a hora em que um milagre desse a vida de volta ao lugar.

A porta principal se abriu lentamente assim que me aproximei.

- *Signore...* – me saldou um servo com um leve inclinar de cabeça. Ele retirou um pequeno envelope do bolso da camisa e me entregou. – Meu senhor pediu para lhe entregar assim que chegasse... - disse com seu forte sotaque turco.

As letras estavam tremidas e borradas. No final da carta estava a assinatura de Fabriccio. Busquei alguma explicação nos olhos do servo, mas ele apenas me encarou com seu semblante montado e inexpressivo como o de uma móvel qualquer da casa. Retornei para a carta que dizia:

Ao caro signore

DiMarco

Lamento, mas creio que não poderei recebê-lo como todo anfitrião deve. Infelizmente fui acometido por uma

terrível enfermidade e temo me encontrar ante meu fim. Também temo não ser tão bom com as palavras como sou com minhas mãos, mas lhe apelo, com todas as forças que ainda me restam, pra que conheça minha última obra.

Você deverá encontrar um pequeno livro de anotações em meu ateliê sobre a mesa ao lado de minha Magnus Opus, a qual vim a batizar: Gárgula; um nome que não traduz com exatidão sua verdadeira natureza, mas que, conveio a mim, assim como irá ao senhor.

Há um documento em meio as minhas anotações através do qual lhe torno herdeiro desta minha última obra. Tu és o único que acredito ser digno de herdá-la, pois sei que cuidará dela como ela precisa.

F. Gomi

A primeira coisa que pedi ao servo foi que me levasse até o ateliê. Sem demora, cruzamos pelos corredores com nossos passos a ecoar nas galerias vazias.

Pobre Fabriccio, eu pensava. Atacado por uma enfermidade na flor da idade e da carreira. Os gênios e os justos sempre nos deixam mais cedo...

O interior da casa atraiu minha atenção novamente. Havia dezenas de corredores vazios, mas o cenário começou a mudar conforme avançávamos. De repente os corredores vazios nos receberam cheios de obras de arte. Quadros, peças de tapeçaria, porcelanas... Enquanto seguia os passos lentos do turco, decifrava a origem e valor da maioria das peças. Era óbvio que Fabriccio não estava com problemas financeiros, o que todos poderiam julgar ao olhar o estado de

abandono de sua mansão. Contudo, não era esse o caso... Eu conhecia aquele tipo de comportamento. Era o nascimento de algo genial. Como uma nova invenção! Ele deveria estar tão concentrado, tão focado numa determinada tarefa, que o mundo poderia desabar sob seus pés e ele não notaria.

Alcançamos um jardim nos fundos da mansão. Este se encontrava em melhores condições do que o que me recebera. As flores ainda nutriam alguma saúde; água ainda fluía de uma fonte um pouco menor onde um casal de peixes nadava tristemente. Caminhamos por mais alguns minutos até que uma espécie de estufa surgisse adiante.

– É aqui... – disse o servo turco.

Parei durante alguns segundos olhando para o ateliê e quando me virei para perguntar algo para o turco, ele já estava as portas da mansão.

Pelo visto seria mais fácil contar com minha ousadia do que com os modos de um turco, então, sem cerimônia, adentrei no ateliê de Fabriccio.

Fiquei espantado assim que entrei. O lugar estaria completamente vazio, não fosse por uma solitária estátua coberta com um manto branco e uma pequena mesa ao seu lado. Havia marcas no chão onde se encontravam projetos anteriores. Dezenas. O toldo que envolvia a estufa estava rasgado em algumas partes e seus pedaços se agitavam com o vento que fazia a luz oscilar e criava sombras fantasmagóricas. Era um lugar extremamente assustador.

O livro com os registros de Fabriccio estava exatamente em cima da mesa como contava sua carta, mas a curiosidade falou mais forte e antes de tudo, descobri sua obra.

– Santo Deus! – meus lábios deixaram escapar.

Se a perfeição existisse, seria a peça diante de meus olhos. Era de longe a obra mais magnífica que já havia visto. Em fato, eu, em todos os meus anos trabalhando com obras de arte de todos os tipos, não saberia encontrar palavras para descrever o que via.

A estátua possuía traços humanos, mas, ao mesmo tempo, era diferente de tudo que pudéssemos imaginar como humano. Não possuía traços de influências mitológicas de qualquer cultura que eu conhecesse. Era como se fosse um novo ser. Algo que atingiríamos ou... Um velho ser... Antigo o suficiente para que fosse novo para nós.

Perdi-me em conjecturas. Tentei, em vão, decifrar o que era aquela obra. Seu rosto - a parte mais incompleta e intrigante da peça - mais parecia desgastada do que incompleta. A figura encontrava-se ereta, mas não fora retratada de forma altiva e imponente como a tendência atual ditava. Ela parecia observar algo num tom de despedida. Como se assistisse alguém se distanciando cada vez mais no horizonte.

Fabriccio era um gênio, sem dúvidas!

– Farei com que seu nome atravessasse oceanos, meu amigo! – prometi ao vento.

Apanhei o livro para saciar minha ânsia de perguntas.

As primeiras páginas falavam apenas sobre quantidades de materiais, ferramentas e algumas poesias do próprio Fabriccio. Pulei páginas até as quantidades desaparecerem e até certas datas surgirem:

14 de Agosto

Assim como havia dito, meu amigo alemão, um professor de alta estirpe, me enviou sua querida obra. Ele já havia comentado sobre ela, mas agora entendo quando me dizia não encontrar palavras para descrevê-la. A peça é realmente magnífica! Admito nunca ter encontrado obra mais próxima da perfeição. Em sua carta, o professor não sabia explicar a origem da obra ou o nome de seu artista. Explicava apenas que a ganhara de um músico francês, este que a ganhara de um escritor inglês e que, portanto, era impossível saber sua origem.

Fabriccio recebeu a estátua?, pensei. Por que mentir sobre a autoria da obra?

A noite caiu e acendi a lamparina que estava m cima da mesa. Ele não teria me mandado ler seu diário se não fosse me revelar segredos. Agora eu queria saber de tudo.

Retomei a leitura.

20 de Agosto

Deixei-a no centro de meu ateliê, como uma fonte infinita de inspiração. Tenho passado cada vez mais tempo trabalhando em minhas obras, mas ela é tão magnífica que meus olhos sempre a buscam enquanto trabalho. Como eu a admiro... Conheço minhas habilidades, mas tenho pensado cada vez mais em algo muito ousado.

22 de Agosto

Ainda não dormi. Toda vez que fecho os olhos só consigo pensar e sonhar com uma coisa: reproduzi-la e dar-lhe, enfim, uma origem e senhor! Quanto mais penso no